

## AS BEATAS SÃO... (Butts ARE ...)

...fumo leve que corre entre meus dedos.

Florbela Espanca

**Luizan Pinheiro<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho de pensamento recorta territórios díspares ao mesmo tempo interconectados: arte, fumo, amizade, plantas e as ativações do pensamento; flerta com a política e os mundos possíveis. Histórias, arte, ciência, vida e acontecimentos celebram nessa escritura a possibilidade do descarrilamento do trem do pensamento, pensando.

**Palavras-chave:** Histórias, arte, fumo, amizade, plantas,

**ABSTRACT:** This work of thinking cuts disparate territories while interconnected: art, smoke, friendship, plants and activations of thought; flirts with politics and possible worlds. Stories, art, science, and life events celebrate this scripture the possibility of derailment of the train of thought, thinking.

**Keywords:** Stories, art, smoke, friendship, plants,

*As beatas são...* belas, deixam-se levar por uma via sem limites, pois tocadas por mãos diversas encaixam-se nas necessidades de um tempo em compulsão, registro mais fundamentalmente *concreto* de que a existência só é possível numa condição de **estranheza, beleza, aceleração**. Demonstrações de que a vida é um jogo entre o possível e o temível. Vale muito contar com *as beatas*. Contam histórias de diversos sujeitos históricos que suportam o peso de suas existências, e por isso mesmo reinventam o mundo em miríades de emoções deslizando num mar de encantamentos e fluidez constantes. Ambíguas, ativam desordens diversas no pensamento conquanto vão sendo decompostas e fundidas umas nas outras. Elis Tarsila<sup>2</sup> conta a história de um dia em que um seu amigo fundiu as beatas umas nas outras pra fazer um imenso e absurdo *beck*. Diríamos mesmo numa espécie de *beat* de constituição de processos intencionalmente fortes para acender os tempos dos esclarecimentos, neste caso, se trata das corredeiras da *desrazão*.

Em tribos destes tempos criam-se *jardins de beatas*, colhem-se as plantas para, no tempo de seu acontecimento, transformá-las num grande e, tão somente,

---

<sup>1</sup>Prof<sup>o</sup> Dr. da Faculdade de Artes Visuais. Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará – FAV/ICA/UFPA-Belém/Pará/Brasil. E-mail:[luizan2014@gmail.com](mailto:luizan2014@gmail.com).

<sup>2</sup> Estudante de Ciências Sociais. Amiga. Bolsista do Projeto de Extensão: Coroatá Programa de Formação de Empreendimentos Culturais: <http://inculturapa.wix.com/coroata>

grande *baseado* explícito. De base disso, corporificam um mais de *fumo* quando visitadas em lugares do mundo onde são depositadas: caixas, vidros, frascos, todo e qualquer tipo de recipiente que as deixem mais estranhas, envelhecidas e venenosas. Suas decomposições marcam um rito de mutabilidades e escoamentos. Apontam para lugares diversos, incendeiam mentes e corações, transformam-se num *ainda mais* em uma única e fundamental possibilidade de vidência ante os acontecimentos. Regidas pelas decomposições projetam mundos, ampliam desejos e reinventam os declives do cotidiano.



*Uma beata dessas....*

De outro modo, invoco das entranhas do mundo a fenda outra em propulsão, as beatas... *vinde a nós vós que estais a rezorar pelos corpos*. Das crenças e celebrações populares, um lugar nos velórios da vida. As beatas *funcionam* num devir que atinge aqueles que *partem desta para uma melhor num piscar de olhos*. Elas não se perdem do objeto de suas velações, velam tão completamente que chegam a beirar a insanidade; é de insanidade que se trata sempre e ao final, a contar do que é possível até o ponto mesmo de sua desapareição nas entranhas explosivas do universo; até o não-saber possível. E do dizer que saber é sempre o que nas pegadas pictóricas de Oswaldo Guayasamín: *Estou no mesmo ponto, mas cada vez mais profundo. Sempre golpeando até o fundo.*<sup>3</sup> E dizer um bater cada vez mais atento e antigo que se repete bem para dentro do que pensamos ser esse lugar sem fundo.

---

<sup>3</sup> “Estoy en el mismo punto, pero cada vez más hondo. Siempre golpeando hacia adentro.”. In: <http://elrincondemisdsvarios.blogspot.com.br>. Visitado em 26/07/20014. (Tradução nossa).



*As beatas.*  
Oswaldo Guayasamín

Da **estranheza** as beatas reivindicam um lugar de ouro. Seu brilho é sempre o que pulsa. O dourado incandescente de suas *cabeleiras antigas* marca o que de estranho é numa sua estranheza reclamada. Fogos habitam seu interior em constante combustão. *Dragões* habitam o fundo das ruínas de uma cidade reluzentemente rica. *Liga* que edifica e marca a narrativa de *Hobbit, a desolação de Smaug*.<sup>4</sup> E do inóspito dessa condição, o desolado dos que pelas *vias campesinas* atravessam até os percursos da cidade. *Como é*, diria Beckett dizendo-me daquela contação: *conte-me outra vez termine de me contar invocação*. (BECKETT, 1986. p. 11). E do outro contador que o mundo se veste, Noel.<sup>5</sup>

As travessias pelos campos e plantações, as idas e vindas pelos vastos territórios; um quê de letargia e silêncio e surpresa a constituir lugares. O olho atento às órbitas dos acontecimentos, a colheita do milho, a palha afastada, a palha. Luminares lugares de edições videográficas nele todo atento, Noel, no perto das pegadas de Mr. Haxixe. Devolvo a Baudelaire o que de Baudelaire lhe cabe: *pegue uma porção equivalente ao tamanho de uma nós, encha com ela uma colherzinha e possuirá a felicidade; a felicidade absoluta com todos os seus êxtases, todas as suas loucuras e juventude e também as suas beatitudes infinitas* (BAUDELAIRE, 1998. p.

<sup>4</sup>O *Hobbit, a desolação de Smaug*. Dir.: Peter Jackson. Nova Zelândia, 2013 - 161 min. Fantasia.

<sup>5</sup>Noel Bastos Gonzaga. Amigo. Formado em Computação e Especialização em Agricultura Familiar no DAV/NCADR/UFPA.

199. Grifo nosso.). Se assim for tomaremos sempre nossa porção de vida para que atinjamos uma felicidade contínua, até nossas beatitudes infinitas, porque de loucura e juventude já nos vamos em tempo e in-satisfação.

E da **beleza** o que de leve resvala na tessitura da matéria. O papel constitutivo de seus corpos, o odor forte da erva queimada, a cinza preta desenhando manchas, os dedos *malhados* no gesto de enrolar o *beise*, o *beck*, o *basê*. No conjunto de gestos e manias a desorientar trajetos, inventar *microritos mictórios*. Um *charo*, um *charro*, uma *tromba*, uma *bomba*, uma *vela*. Velações, veleidades e verdades *minoritariamente* potentes como um dizer do que nada pulsa em explosão, mas em vitalidade e visibilidades. Tal como o encontro de Hulk<sup>6</sup> e Viveiros de Castro, o Eduardo, em Altamira deste Pará. E nas quebradas de *Viveirão*<sup>7</sup> e *Hulk*, a cerva bebida em celebração do encontro fortuito fundamental. O que cabe no agora essa *selvageria outramesma* que me chega insistente e abrupta no composto do pensamento em cargas eletromagnéticas. *A inconstância da alma selvagem* necessariamente estratégica neste escrito diverso escroto. *A natureza deliberadamente inacabada, imperfeita e assimétrica das dualidades conceituais indígenas* (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 17); aqui visitadas.

O lugar fatídico a se entrever como tensão e função no ameríndio que nos habita. Intensidade mais de mim, num registro que cabe aqui desdito em anuviações memoriais. Encontro um tanto longínquo as potências que se tomam neste *fora real* concretizado no devir em recuo até episódios passados.<sup>8</sup> O intencional acerto necessário a memória da *performance* xamânica dançada em ritmo frenético e tosco com as roupas e apetrechos originais de araras, gaviões e outros; que do Museu do Índio vieram daquela Altamira escrita em carne e fogo em mim. Gritaria Beckett engasgando, *momentos passados velhos sonhos de volta outra vez ou novos como os que passam ou coisas coisas sempre e memórias as digo como ouço murmuro-as na lama.*(BECKETT, 2003. p. 11).

Ao som de fragmentos *filopoéticos* antropofágicos disparados pela *autoramiga* Gilcilene naquele início da década de 2000. Marcava em meu corpo a condição dual no espaço acadêmico endêmico, até o ponto mesmo do desaparecimento do nome, o título, *dotô* não mais, professor mais, *antisujeito*, homem, animal composto ativado

<sup>6</sup>Lucinaldo Soares (Hulk). Amigo. Formado em Ciências Agrárias-/UFPA/Campus de Altamira /PA. Especialização em Agricultura Familiar no DAV/NCADR/UFPA.

<sup>7</sup> Apellido de Eduardo Viveiros de Castro dado por Hulk em nossa conversa trans-lúcida.

<sup>8</sup> No mesmo registro, 2013, em Marapanim-Pará onde nasci: Tamaruteua, o retorno às minhas origens através do carimbó.

em uma pulsação possessão à beira o *delírio*, a *mania* na qual diz Nietzsche naquele *O Nascimento da Tragédia* os idos de 1852. De Nietzsche sim, porque recorria a uma espécie de? Saudosismo? Um tanto de arrependimento? Talvez? Nada? E de seus arroubos juvenis deflagrados, entregues naquele pequeno livro dito um livro ainda em páginas úmidas de *metafísica*. Esse depois revisto em sua *Tentativa de Autocrítica* me diz o lugar mesmo deste rever, reverter em revide. E no mais aqui de mim, um retorno fundamental à memória de outros tempos e batalhas. Aquela *performance* executada num quadrado de *fita crepe* colada no chão em sala de aula lotada de gente, tantas que nem sei. E nesse ar-roubo de memória, os arroubos juvenis de Nietzsche a força de construção de um pensamento que insurgia incandescente, mesmo que *edificado a partir de puras vivências próprias prematuras e demasiado verdes, que a floravam todas à soleira do comunicável, colocado sobre o terreno da arte*. (NIETZSCHE, 1992. p. 15).

Não é disso mesmo que se trata? Um Nascimento que nos precipite até o impensável de nossos gestos. A performance a dança na defesa de doutorado, lá estava eu a suspeitar com o *mestre da suspeita; a bater a cabeça com criatividade certa e venenosa do mestre: “não acredito num Deus que não dança”*. *E do ameríndio tosco, Sancho, e pança a balançar dancei o tempo do acontecimento arte e Educação a empurrar os pedagogos no abismo da arte e do pensamento*. E assim se dá dos meninas que somos. A agressividade, a pretensão, o egoísmo, a prepotência e a força do ser juvenil no centro das batalhas fundantes. Não sem ímpeto, aquele *“livro talvez para artistas dotados também de capacidades analíticas e retrospectivas”*, (Idem, 1992, p.15) o resmungo do mestre em agonia *again*. Cá estou a visitar as cidadelas da minha memória e reativar as energias que retroalimentam esta parca existência.

Em retorno, o da(r)do alado Altamira, dita em experimentações *arteducativas* ditas com alunos de Pedagogia, tempos de *lo(r)gias intelectuais, étlico afetivas*, um outro conhecimento, desses que deixam marcas profundas na carne e no espírito a arder no profundo do mundo, da vida *somewhere over the rainbow, somewhere over the Belo Monte*. E a retomada deste percurso em curso emerge o que se pode dizer uma trama, *transa, o Transa*<sup>9</sup>, Caetano **uma outra liga**: *walking down Portobelo Road to the sound of reggae, I’m alive*.<sup>10</sup> Transito noutros territórios,

<sup>9</sup> CAETANO VELOSO. **Transa**. Polygram (1972).

<sup>10</sup> *Desço a rua Portobelo ao som de um reggae, estou vivo! (Tradução Nossa)*.

*transepto* de uma arquitetura urbanoide. Visito galáxias em traje de gala *a la Tom Zé* “*se segura millord aí que o mulato baião (tá blacktieando) smoka-se todo na estética do arrastão. Cá esteti, cá estetu*”<sup>11</sup>, repico em solo, resvalo até o território, deslizo nomádico por essas bandas perto do fogo dos guerreiros de batalhas infindas, a *fuga* fatal, o coração inteligente dos Arawetéus outra vez pela *pena* de Eduardo Viveiros de Castro, *a ideia, em suma, de que o real foge por todos os buracos da malha, sempre demasiadamente larga, das redes binárias da razão*(VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 17), o escape preciso e intempestivo que colocou os franciscanos a dentro, em crise: *vontade de potência* oriunda de outros mundos como revide. Flecha venenosa, incendiária e, *ainda mais importante, a ideia de que essa fuga é ela mesma um objeto privilegiado do pensamento indígena* (Idem. p. 17.); uma desmarcação a inviabilizar a inscrição de uma identidade fixa, uma lógica, um controle, deslocamento a velocidades impressionantes de uma partícula indígena que desvirtua sua localização, medição, e reveste-se em probabilidades.

Da **aceleração** o composto das vibrações do tempo-espço, o acelerado dos dias, *bebop* and *beatniks*, *bolachão*, *pulsção*, agulhas no palheiro das vias do mundo, mesmo que ali pouse sobre a mesa posta o mais que inanimado do corpo a decompor-se compondo as esferas celestiais. E no mesmo composto alquímico, as brumas que se formam, as anuviações dos imponderáveis por sobre as narinas, o entontecido em segundos guardados no canto da cozinha. Fritando frituras, vadiando no *mundo do muito veloz* em que Gleiser glorifica, goza e fica num *sóssaber* das vertigens a teoria da relatividade e a física quântica *essas teorias tem algo de absurdo, algo que parece contradizer nosso bom senso* (GLEISER, 1997. p. 251.), ouço-o e *desassusto*, sinto-o perplexo; não parece apenas seduzido, mas possuído. Movemo-nos nesse mundo de formas estranhas, contraditório e aberto. Das beatas o aberto de suas energias, a materialidade de suas manifestações; encontro ativado de matérias e antimatérias<sup>12</sup> na de-composição do universo; *arengações* de um *big bang* insofismável filtrado pelas murmurações de tantas beatas.

E nos últimos suspiros o dobrar-se de seus corpos por sobre o corpo num estágio fundamental de vida da matéria, ou a matéria morta, ou *Malone Morre*, a

<sup>11</sup> TOM ZÉ. **Com defeito de fabricação (fabricationdefect)**. Luaka Bop-Warner Bros. (1998).

<sup>12</sup> Ver: GLEISER, Marcelo. **Matéria confronta antimatéria**. (Especial para a Folha). <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe3103200203.htm>. Visitado em 08/09/2014. 06:18.

não-matéria do antes. Não mais que o orgânico em desordem, desde uma ordem do universo sempre estranho a desorganizar-se. **As beatas são...** em virtude do seu ser-estar no mundo constituir o combate dos dias de tensão. Elas de ensinamentos nos tem muito a ensinar: de suas queimas infernais e saborosas, ou dos silêncios e murmúrios incandescentes, que nos ligam ao descompasso material, físico, corporal, às delicadezas do espírito e às energias da natureza, enfim, infindo...

#### **REFERÊNCIAS:**

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos artificiais. O ópio e poema do haxixe.** Porto Alegre: L&PM, 1998.

BECKETT, Samuel. **Malone morre.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Como é.** São Paulo: Iluminuras, 2003.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang.** São Paulo: Cia das Letras, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Tentativa de autocrítica.** In: **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naif, 2011.

#### Discos:

CAETANO VELOSO. **Transa.** Polygram (1972).

TOM ZÉ. *Com defeito de fabricação (fabrication defect).* Luaka Bop-Warner Bros. 1998.

#### Sites:

<http://elrincondemisdsvarios.blogspot.com.br>.

<http://www1.folha.uol.com.br>